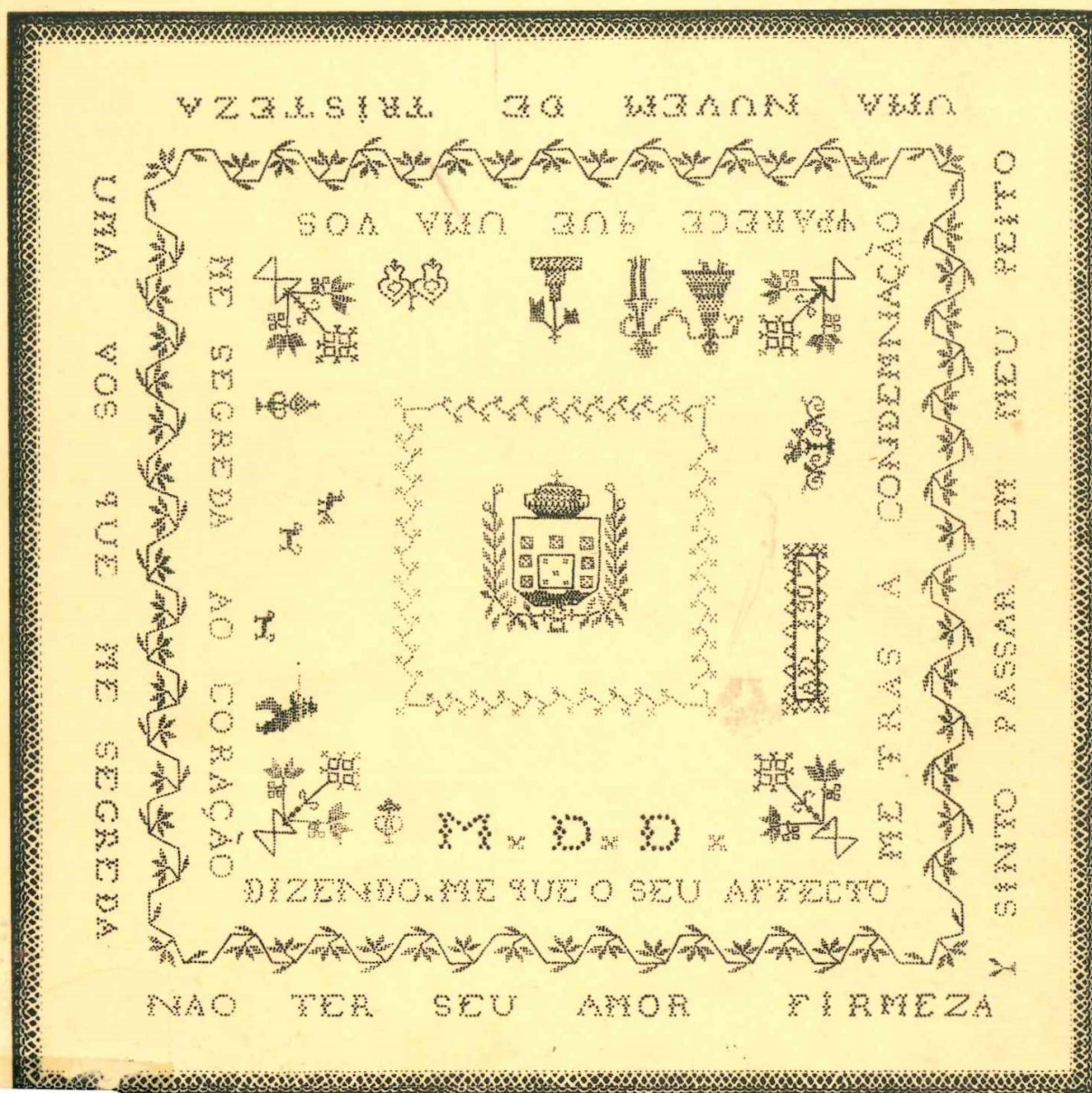


E. LAPA CARNEIRO

Da Sociedade Portuguesa de Antropologia
e Etnologia

OS LENÇOS DE MÃO BORDADOS



BARCELOS

1963



3)
91(469)(04)
AR

Homenagem de

E. LAPA CARNEIRO

Da Sociedade Portuguesa de Antropologia
e Etnologia

*à Biblioteca M.
de Barcelos*

25-6-1963

OS LENÇOS DE MÃO BORDADOS



Barcelos Fern.

BARCELOS

1963

Publicado, sem notas, em «Ecos»,
jornal dos alunos da Escola Ind. e Com. de Barcelos,
n.º 1, 10-6-63

ÀS MINHAS ALUNAS
DO CURSO DE FORMAÇÃO FEMININA

Costuma-se dizer das crianças que são macaquinhos de imitação, por nas suas brincadeiras imitarem os adultos. As pessoas que dizem isso esquecem que os próprios adultos se imitam uns aos outros, e muito mais do que, à primeira vista, possa parecer.

Uma aldeia conserva, através dos séculos, por exemplo, determinado tipo de casa porque, por imitação, os homens, nas novas construções, vão repetindo os moldes das mais velhas.

Outras vezes os homens abandonam os costumes e tradições que herdaram, mas também por imitação. Foi o que aconteceu aos barristas de Barcelos, que deixaram de fazer os bonecos como os faziam os seus avós, por quererem imitar bonecos doutras terras, julgando-os superiores ou mais bonitos. Um escritor português do séc. XVII, D. Francisco Manuel de Melo, deixou um passo que, de certo modo, explica a imitação do alheio: «Medimos de ordinário o valor da causa por seu custo; e vem de ali não acabarmos de conhecer o preço do que é nosso, porque o achamos entre nós».

A imitação é, pois, como se vê, um pau de dois bicos: tanto dá para conservar o herdado como para substituí-lo. Uma regra é certa: quem imita tem o modelo na conta de superior. Nós vemos, por exemplo, o filho a imitar o pai, a mulher do campo a imitar a da cidade, as civilizações menos desenvolvidas a imitar as mais desenvolvidas.

Em todos os tempos o homem imitou o homem. Basta-nos lembrar que invenções tais como o arado e a roda se expandiram, há muitos milhares de anos, por imitação, em áreas enormes. Podíamos mesmo arranjar uma longa lista de invenções, de costumes, de crenças que, por imitação, passaram, em épocas remotas, de uns povos para outros. E, no entanto, como bem sabemos, eram então difíceis e demoradas as comunicações. Que se passará hoje, a este respeito? — apetece perguntar.

No séc. XIX e no actual foram inventados, e desenvolveram-se extraordinariamente, novos meios de comunicação, que vieram facilitar imenso os contactos dos diferentes povos. O transporte de pessoas e de coisas, e a transmissão de ideias são cada vez mais rápidos, mais seguros, mais perfeitos.

Temos o telégrafo, o telefone, a gravação sonora, a rádio, o cinema, a televisão — que propagam notícias, ideias, sentimentos, costumes; temos o comboio, o automóvel, os modernos navios, o avião — que deslocam mercadorias, jornais, livros, pessoas, e também notícias, ideias e costumes. A rapidez e a facilidade das comunicações são agora tão grandes que, às vezes, se diz até que as distâncias acabaram.

Não cabe aqui falar de cada um destes meios de comunicação para pôr em realce a sua acção. Convido-te a fazeres esse exame. No fim, procura responder à seguinte pergunta: Como nos encontraríamos se, dum dia para o outro, a humanidade fosse privada de todos estes progressos? Nós, que nascemos já ia o séc. XX adiantado, e que, mais ou menos, sempre conhecemos os meios de comunicação acima referidos, não podemos, realmente, sem um pouco de esforço, entender o que era o mundo há cem anos atrás.

Segue-se de tudo isto que, sendo actualmente muito fáceis os contactos dos povos entre si, a influência que uns exercem sobre os outros é muito maior que outrora. As meninas, por exemplo, começam a saber que as modas e os figurinos que gostam de imitar, saindo de Paris e de Roma, em poucas horas são conhecidos em toda a Terra. Os rapazes mais dados ao desporto, por sua vez, não precisam de ir longe para ver, enquanto decorre, um desafio de futebol disputado em Londres, desde que a televisão o transmita. Muito a propósito, vejamos o que o sábio Leite de Vasconcelos dizia, em 1924, do futebol: «...esta forma de desporto, na sua extravagância e exagero, é fenómeno que dá que pensar, pois se vê dele que não só o mundo é tão pequeno, que num instante uma ideia o avassala de um canto ao outro, senão que nos homens é tal a tendência para a imitação, que cada um adopta com a maior facilidade as manias do próximo: o que explica as tiranias da moda».

Os novos meios de comunicação e o pendor do homem para a imitação acarretam, como consequência, que as cidades de todo o mundo cada vez se parecem mais umas com as outras; as pessoas são cada vez mais parecidas nos seus hábitos, costumes e gostos; os artigos fabricados num país cada vez se distinguem menos dos fabricados nos outros países.

Ora há coisas belas que, sendo substituídas, se perdem depois por esquecimento. Queres um exemplo? Dantes o nosso povo sabia lindas canções. Veio a rádio, apareceram os alto-falantes nas festas e, por imitação do alheio, aprendeu as músicas novas, tantas vezes muito feias, esquecendo as que eram suas. Não tens um pouco de experiência disso mesmo?

Mas que tem tudo isto a ver com os lenços de mão bordados? Vamos entrar no assunto. Demorou um bocado, mas creio que agora compreenderás o motivo por que morreu um costume tão lindo e poético.

A verdade é que talvez já tenhas ouvido falar desses lenços. Os teus avós, ou até os teus pais, podiam-te contar a este respeito certas coisas melhor do que eu vou fazer.

Ainda não há muitos anos que, nas aldeias, um lenço bordado era o primeiro penhor de afecto da rapariga pelo rapaz com quem namorava.



Fig. 1 — Marcador. Num rectângulo de talagarça, para facilitar a contagem dos fios, a menina bordava alfabetos em várias estilizações, algarismos, cercaduras e motivos ornamentais. Em regra, rematava o «mapa» com o seu próprio nome e com a data da conclusão. Este foi feito em Barcelos, por Delfina Cândida de Jesus Ribeiro, que o terminou em 18 de Dezembro de 1872. Dimensões: 0,52 m X 0,29 m. Cores: vermelho, amarelo e branco (ou azul?).

Enquanto no monte olhava pelo gado, e ao serão, a rapariga casadoira bordava (às vezes, encarregava disso uma *marcadeira*, que é, como sabes, uma bordadeira), quase sempre a ponto de cruz, um lenço de bretanha comprado na feira. Nessa altura, servia-lhe o *marcador* ou *mapa* de ponto de cruz que tinha feito, em pequena, quando aprendera a bordar. Era um rectângulo de pano que a menina enchia de abecedários, algarismos e desenhos ornamentais, a fim de ter sempre à mão os modelos que lhe permitissem fazer outros bordados. Mais modernamente, apareceram os álbuns impressos para o mesmo fim, os quais receberam os mesmos nomes. A rapariga guiava-se, pois, por um *marcador* ou por outros lenços que arranjava emprestados e, por isso, embora deixando correr a fantasia e o gosto próprios, a composição do seu lenço nunca se afastava muito da dos outros.

No centro via-se o escudo nacional encimado pela coroa, ou um par de corações ligados por uma chave, ou um par de namorados de mãos dadas. Seguiam-se a era (ano), monogramas, ou o nome da rapariga, ou o do namorado, e, em regra, outros desenhos: jarras, cão, pomba, caçador, custódia, etc.. Depois, paralelamente aos quatro lados do lenço, apareciam os versos duma quadra, e, entre estes e as margens do lenço, uma ou mais cercaduras: *silvas*, *ziguezagues*, etc.. Era assim dum modo geral, pois, por vezes, o lenço complicava-se mais : com entremeios de croché, com barras de crivo, com lantejoulas, com fios dourados, com *bicos* (renda na margem), etc., etc.. E nota bem que esta descrição se adapta só aos lenços do concelho de Barcelos. Noutras regiões é muito natural que a composição fosse diferente.

Os desenhos eram escolhidos com certa intenção, atribuia-se-lhes um valor simbólico, isto é, procurava-se dizer com eles alguma coisa. Assim, por exemplo, os corações e a chave representavam «o amor de dois corações», a mão representava cumprimento, a pomba representava união no amor, e assim por diante.

Finalmente a rapariga oferecia o lenço ao namorado. Todo ufano, ele exibia-o, então, à laia duma grande flor branca, no bolsinho do casaco do fato domingueiro. E, em dias de festa, se pegava ao andor, o lenço ia sobre o ombro em que o andor assentava; se lhe cabia uma vara do pálio, o lenço ia nas mãos. «Era o luxo daquele tempo», ouvi dum homem de Rio Covo (Santa Eugénia).

Para onde quer que fosse o rapaz levava-o consigo.

Sei duma velhinha de Santa Maria de Galegos que tem um lenço destes e não o vende por nenhum preço. E tem razão, como vais ver :

Há muitos anos atrás, a rapariga, que era a que hoje é velhinha, deu um lenço (o tal lenço) ao namorado, antes dele emigrar para Inglaterra. Aí, houve uma pessoa que cobiçou o lenço e ofereceu dinheiro por ele. Mas o rapaz não no vendeu. Um dia regressou à terra, e casaram-se. Hoje, ele morreu e ela é velhinha. Mas não se esqueceu de que o homem lhe pediu para que nunca dispusesse da prenda que ele tão bem estimara. Bem adivinhámos, no entanto, que, mesmo sem este pedido, o lenço não levaria des-caminho.



Fig. 2 — Cópia de um lenço pertencente ao Museu Regional de Cerâmica (Barcelos) e que faz parte de uma colecção de 12 exemplares doada por Joaquim Sellés Paes de Vilas Boas. Desenho da aluna Ana Maria Saraiva; orientação do prof. Escultor António Carlos Esteves. «AD. 1907»: Ano de 1907. Notar os seguintes motivos ornamentais e simbólicos, partindo da era para a direita: pedestal (pedastal), jarra (ou ramo, ou jarra de ramos), par de namorados, cruzeiro, corações flamejantes e chave, jarra, cibório (baso), caçador, jarra. Dimensões: 0,52 m X 0,525 m. Cores: vermelho e preto.

Creio que estarás de acordo comigo quando digo que era um costume lindo e poético. Restam só alguns lenços, guardados ciosamente pelos seus possuidores, que os ligam às lembranças da mocidade e do amor. Os mais novos que conheço são, na realidade, feios, e bem mostram que foram feitos à pressa e para outros fins.

Gostarias talvez agora de saber em que terras havia este costume. Servindo-me das notícias de que disponho, posso dizer que ele se estendia pelas províncias do Minho, do Douro Litoral, de Trás-os-Montes e da Beira Alta. Existiu em Alcobaça, no distrito de Leiria. No Alentejo usa-se o lenço de mão bordado, mas ignoro se é muito ou pouco parecido com os do Norte. Também se encontrava nos Açores, segundo refere um poeta e escritor açoriano : «Ao esposo ausente mandava a namorada, logo que recebidas dele as primeiras novas da América, um lenço branco bordado a ponto de marca e de cruz : quatro quadras, corações, a coroa do Espírito Santo, a palavra *Amor*, chaves e outros motivos ornamentais tradicionais». Suponho fora de dúvidas que o costume foi para lá levado do continente, e pode mesmo dar-se o caso de terem sido os minhotos que o levaram, pois a descrição que transcrevi ajusta-se bastante a certos lenços do Minho. Como sabes, o arquipélago dos Açores não era habitado quando foi descoberto, e, entre os primeiros povoadores, contavam-se minhotos.

Aprecia a semelhança entre as duas seguintes quadras de lenços, uma recolhida nos Açores e outra no Minho :

*Assim como neste lenço
Os fios unidos são,
Assim é que se há-de unir
O meu ao teu coração.*

(Ilha Graciosa)

*Assim como neste lenço
Os fios unidos estão,
Assim esteja minha alma
Unida ao teu coração.*

(Minho)

Trata-se, com certeza, da mesma quadra, que *emigrou* daqui para lá. Já agora, eis mais duas, que escolhi entre tantas, dos lenços de Barcelos :

*Por te não poder falar
Neste lenço te escrevi
Quando este lenço fiz
Com mil sentidos em ti.*

*Aceita este lenço
Alimpa teu rosto
Falinhas de amor
Não causam desgosto.*

Desconheço se em algum outro país as namoradas presenteavam os rapazes com tão delicada prenda. Tenho, contudo, algumas razões para supor que não. O mais curioso é que, segundo parece, no Brasil, para onde transplantámos tantos dos nossos costumes, não há sinais deste.

Depois de tudo o que fica dito, julgo que terás percebido o interesse dum estudo que, nas aulas de Desenho do Curso de Formação Feminina,



Fig. 3 — Lenço pertencente a Luísa Faria da Costa, de Moure (Barcelos). A dona, o ano passado, foi mordoma da procissão dos Passos, e, nessa qualidade, tinha de emprestar um lenço a um dos mordomos, a fim de ele pegar no andor. Então, bordou este. «O meio representa dois corações unidos e uma chave para abrir os corações. A compor o meio, tem quatro ramos de flores». Seguem-se duas barras a ponto de crivo, representando a interior «amorangos esbicadinhos». Dimensões: 0,46 m × 0,44 m. Cor: azul. Fotografias da Foto Central.

correspondendo ao desejo do senhor Director, se começou, há meses, a fazer. Na exposição de trabalhos deste ano lectivo, surgirão alguns desenhos que representam, por assim dizer, o princípio da tarefa.

Devem, todos os que puderem, dar a sua colaboração a tão simpática e útil iniciativa, que é uma contribuição para o conhecimento dos lenços de amor.

Quanto ao costume, não tenhamos ilusões : morreu e nada o fará renascer.

NOTAS

Nota A — Lenços de mão bordados (ou marcados).

Nunca ouvi o povo dar-lhes designação especial. Maria Florinda de Azevedo (*Um «lenço de amor»*, in *Alto Minho*, 1.º vol., Viana do Castelo, 1935, p. 35) diz que, em Geraz do Lima, lhes chamavam *lenços de amor*. Em alguns escritos (p. e.: Azinhal Abelho, *Elogio da Província*, Braga, 1958, p. 245) aparece a denominação *lenços de namorados*, que julgo literária.

Nota B — Sobre a imitação, ver Arthur Ramos, *Introdução à Psicologia Social*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, 1952, pp. 117-145.

Nota C — ...D. Francisco Manuel de Melo, deixou um passo... (p. 5).
Cartas Familiares, Lx.ª, 1942, p. 225.

Nota D — ...Leite de Vasconcelos dizia, em 1924... (p. 6).
Mês de Sonho, Lx.ª, 1926, p. 135.

Nota E — ...a rapariga casadoira bordava... (p. 8).

Não devemos esquecer, porém, que houve uma indústria de lenços bordados, indústria caseira, supponho eu. Falam dela Cláudio Basto (*Silva Etnográfica — O Lenço*, in *Revista Lusitana*, vol. XXV, Lx.ª, 1925, p. 173) e Câmara Cascudo (*Dicionário do Folclore Brasileiro*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, 1962, p. 423). Aí por 1916 vendiam-se lenços de mão bordados nas feiras de Barcelos e Vila Real (S. P., *Lenços Marcados*, in *Terra Portuguesa*, ano I, 1.º vol., n.º 4, Lx.ª, Maio 1916, p. 115). Sebastião Pessanha (cit. por M.ª Clementina Carneiro de Moura, *Tapeçarias e Bordados*, in *A Arte Popular em Portugal*, vol. III, p. 63) encontrou-os à venda nas feiras de Amarante e Penafiel. Tudo leva a crer, a meu juízo, que tal comércio se alargaria a outras localidades e se praticaria desde tempos mais antigos.

As feiras, pois, iriam muitas raparigas comprar os lenços.

Será oportuno referir a indústria de lenços de chita estampados, com filigranas, corações, quadras, etc., possivelmente inspirada nos lenços bordados. Tenho alguns que foram adquiridos, há cerca de dez anos, na feira anual do Fojo (serra do Montemuro). São mais pequenos: 0,21 m × 0,21 m.

Nota F — ...um lenço de bretanha, comprado na feira (p. 8).

Antigamente o linho era o material empregado. Ver M.ª Florinda de Azevedo, *Um «lenço de amor»*, cit., p. 34, e Ibérico Nogueira, *Lenços de Amor*, in *Arquivo do Alto Minho*, 6.º vol., Viana, p. 136.

Rocha Peixoto (*O Traje Serrano*, in *Portugália*, t. II, Porto, 1905-1908, p. 383) diz que os lenços se faziam «outrora de estopa (Arga) e depois de linho fino e de cambraia».

Os lenços de bretanha eram conhecidos também por *lenços de Alcobaça*. Na realidade, em Alcobaça fabricaram-se os célebres lenços até 1810, ano em que, por virtude das invasões francesas, cessou a actividade da fábrica. Porém, o «crédito [deles] foi tal que ainda há bem pouco tempo de Inglaterra vinham peças de lenços idênticos com o nome de Alcobaça». (Manuel Vieira Natividade, *Alcobaça d'Outro Tempo*, Alcobaça, MDCDVI, pp. 61-62).

Nota G — ...servia-lhe o *marcador* ou *mapa*... (p. 8).

Em Barcelos cuido que são conhecidos só por *marcadores*. Armando de Mattos tem sobre eles um artigo com abundante documentação gráfica: «*Mapas*» de *ponto-de-cruz*, in *Prisma*, II ano, n.º 2, Julho 1938, pp. 69-75.

Encontrei em Santa Eugénia de Rio Covo (Barcelos) dois *marcadores* impressos, um proveniente da Alemanha e outro da França, ambos sem data, mas que me parecem do princípio do século. Ao certo, já serviam à roda de 1920.

Nota H — Todo ufano, ele exhibia-o... (p. 8).

O lenço era um adereço do vestuário quer dos rapazes quer das raparigas.

Cláudio Basto (*Silva Etnográfica*, cit., p. 170) diz, falando do lenço da mão relativamente ao alfoz de Viana: «Se o usa uma rapariga, trá-lo na mão, na *algibeira* com as pontas de fora, ou metido na cinta, entalado na saia, com as pontas ao dependuro». À frente acrescenta que, às vezes, também o põem ao pescoço, com o nó adiante. Em Geraz do Lima (M.^a Florinda de Azevedo, *Um lenço de amor*, cit., pp. 34-35) era «um pormenor indispensável na indumentária festiva das raparigas casadoiras», que o metiam «artisticamente na algibeira do avental». No concelho de Barcelos as moças, «quando se vestiam à *vianesa*», levavam-no preso na cinta, ou à altura dos ombros e caído para as costas.

«Os rapazes trazem-no no bolso do casaco (...) com as pontas muito de fora. (...) Às vezes (...) põem-no ao pescoço, com o nó adiante». (Cláudio Basto, *ob. cit.*, p. 170). Ibérico Nogueira (*Lenços de Amor*, cit., p. 132) diz que os moços o enrolavam ao pescoço. Descendo ao Alentejo, temos o testemunho de Azinhal Abelho (*Roteiro Lírico do Alentejo — O Trajo Feminino*, in *Mensário das Casas do Povo*, Julho 1951, ano VI, n.º 61, p. 13): «Quando se vai para a missa e para as feiras, ou de visitas usa-se o lenço das mãos nas ditas, que geralmente é bordado. Serve este para colocar na mão dos namorados, quando bailam, de modo que os homens, de mãos fortes e calejadas, não sujem as cores asseadas das vestes domingueiras. / Este lenço das mãos é dado como prenda de namoro, principalmente, quando os rapazes iam para a tropa ou a tirar as sortes, que os colocavam ao pescoço atados à frente. Hoje, colocam-nos sob a gola da jaqueta, ficando o tecido por cima da brancura do lenço».

O uso dos lenços pelos pegadores de andores, ao que parece, declinou desde que se adoptaram as opas. Em Alfândega da Fé (distrito de Bragança), segundo me informa o distinto escritor P.^o Alberto da Rocha Martins, ainda vigora este costume. Em Cambeses (Barcelos) outrossim se mantém; porém, os lenços são emprestados, não pertencem aos pegadores. Este ano, no dia 3 de Março, fui lá para ver a procissão dos Passos, na qual, de acordo com informação segura, os pegadores levariam lenços cedidos pelos de Moure (Barcelos). A chuva, contudo, impediu que a procissão se fizesse com o luzimento previsto. Em Moure conserva-se também a mesma tradição.

Em Santa Maria de Galegos (Barcelos) falaram-me na utilização dos lenços para dizer adeus aos andores das procissões.

Nota I — Servindo-me das notícias de que disponho... (p. 10).

Minho:

Rocha Peixoto, *ob. cit.*, pp. 379, 383 e 384.

S. P., *Lenços Marcados*, cit..

Cláudio Basto, *ob. cit.*.

M.^a Florinda de Azevedo, *Um «lenço de amor»*, *cit.*.

Cláudio Basto, *Bordados de Viana-do-Castelo*, in *Portucale*, vol. IX, 1936, pp. 127-128.

Ibérico Nogueira, *Lenços de Amor*, *cit.*.

A quadra popular e os lenços de amor, in *Arquivo do Alto Minho*, 6.º vol., Viana, pp. 142-144.

Douro Litoral (Amarante, Penafiel):

Sebastião Pessanha, *cit.* por M.^a Clementina Carneiro de Moura, *ob. cit.*, p. 63. Infelizmente esta autora não indica bibliografia.

Trás-os-Montes:

Rocha Peixoto, *ob. cit.*, pp. 379, 383 e 384.

S. P., *Lenços Marcados*, *cit.*.

Sebastião Pessanha, *cit.* por M.^a Clementina Carneiro de Moura, *ob. cit.*, p. 63.

A já referida informação do P.^e Alberto da Rocha Martins.

Beira Alta:

Armando de Mattos, *«Mapas» de ponto-de-cruz*, *cit.*, p. 74, legenda da gravura.

Luís Chaves, *Simbolismo do Nosso Povo*, in *Portucale*, vol. XVI, 1943, pp. 118-119.

Alcobaça:

M. Vieira Natividade, *O Povo da minha terra — Notas e registos de etnografia alcobacense*, in *Terra Portuguesa*, 3.º vol., Lx.^a, 1917, p. 112.

Alentejo:

Azinhel Abelho, *Roteiro Lírico do Alentejo*, *cit.*.

Açores:

Pedro da Silveira, *José Leite de Vasconcellos nas Ilhas de Baixo*, Lx.^a, 1959, pp. 33-34.

Nota J — Aprecia a semelhança... (p. 10).

A quadra da Ilha Graciosa recolheu-a Leite de Vasconcelos, *ob. cit.*, p. 224. A do Minho vem publicada no *Arquivo do Alto Minho*, 6.º vol., p. 142.

Nota L — Tenho, contudo, algumas razões... (p. 10).

Fundo-me no facto de Luís da Câmara Cascudo (*ob. cit.*, p. 423), aludir ao costume apenas em Portugal. Também por aí é que eu sei que no Brasil esta tradição é desconhecida.

Nota M — Com toda a justiça, devo declarar que, no trabalho de campo, me tem sido muito útil a colaboração de dois alunos do Curso de Aperfeiçoamento de Serralheiro: João Evangelista Azevedo de Araújo e Manuel Maia.

Composto e impresso na
LIVRARIA EDITORA PAX, LDA.
B R A G A

biblioteca
municipal
barcelos



7432

Os lenços de mão bordados